

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha,
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 25, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Habitado como estamos, á exemplo do judicioso Haller, e do talentoso Cuvier, a procurar, com o escalpello na mão, a verdade emmaranhada na mais sublime das combinações da natureza; e não podendo á primeira vista deparar com o motivo porque o Sr. R. (á maneira de macaco que se julga não apercebido na *combuca*, onde se escondeo, deixando o rabo de fora) *se abraça com hum X* para atrozmente nos enjuriar; procederemos á autopsia do cadaverico artigo, em que S. E. pretendeo refutar-nos.

Incólume deixariamos passar essa *Trindade Redactora*, que só existe na *ricissima* imaginação do Sr. R.: aplaudiriamos esse feliz parto de sua invenção, e até mesmo por *alviçaras* lhe mandariamos a *Pretinha dos Pasteis* se da existencia dessa trindade, composta de empregados publicos *calumniadores*, como S. E. assevera, não reflectisse sobre o Sr. R. grave injuria merecida. Como he possível, que S. E. conserve nas Repartições publicas empregados *calumniadores*? Como deixa de os punir? O dever obriga S. E. a purgar os lagares publicos de taes serpentes: toda a condescendencia em tal ponto faz de S. E. hum complice.

Apesar deste motivo, á vista da triste situação, em que os patricios collegas do Sr. R. o collocarão, não com-

batteriamos o fantasma creado por S. E., se não fôramos obrigado a repellir o *calumnioso* epitheto de *calumniador*, — com que fomos mimoseado n'esse artigo do *Despertador*.

Como mostrou o Sr. R. que nós avançáramos falsidades? Chamando-nos — *calumniador*? — Não he assim porem que se destroem factos. Convidamos pois á S. E. para que apresente attestados, passados pelos membros do gabinete de 19 de setembro, que contradigão o que dissemos. Apresente estas provas; e depois terá direito a gritar — *calumnias, calumnias* — ! Enquanto porem assim o não fizer, nossas proposições estão em pé.

Se porem S. E. vê a impossibilidade de alcançar taes documentos, e quer que nós apresentemos provas, acceda ao convite que agora lhe fazemos — saia do X e apresente se franca, e lealmente firmando com o seo nome as suas defezas. — Acredite que não se *destrua* contendendo com nosco; não fazemos parte de *Trindade* alguma escrevinhadora: não devoramos os dinheiros publicos, á titulo de empregado; nossa fortuna ainda que mediocre, e nossa profissão, nos tornão mais independente do que o he S. E.; somos finalmente hum cidadão mais util do que o he o Sr. R.. Acceda S. E. ao nosso convite, que nós firmaremos com

nosso nome o que dissemos; e então reconhecerá se aquelle, á quem S. E. denomina de *calumniador*, pôde ou não sustentar o que disse, e revelar ainda alguns outros arcanos!!.. Por ora, a este respeito, aqui ficamos.

Pergunta-nos o Sr. R. se escrevemos para moralisar o povo. Respondemos, que não. O povo Brasileiro he bastante moralizado; he o mais moralizado de todos os povos, que existem. Injuria, e injuria tanto mais atroz, quanto se alia com a ingratição, irroga S. E. ao povo Brasileiro, que o alimenta, e que até o ha honrado com o seo voto, suppondo-o hum povo immoral! Não he para moralisar o povo, que nós escrevemos, sim para moralisar os que elle alimenta, aquelles cuja moral carece de reforma. Moralisem-se estes, que o povo moralizado está!

Sustenta o Sr. R. que dera o seo apoio á Administração de 19 de Setembro. — E quem disse o contrario? Nós asseverámos isto mesmo; e fizemos mais — marcámos a epocha em que deixou de lho continuar, e apontámos as causas que á isso o impellirão — Não forão os motivos que allegaes, diz mui frescamente o Sr. R., que me obrigarão a reccusar áquelle Governo a continuação do meo voto; sua Politica, não sendo a minha, fazia necessaria a minha guerra — Esperamos que S. E. desça á arena, e que baptise seos filhos em seo nome, para lhe mostrarmos, que os motivos, que teve para se tornar Paladin, forão os que apontámos; em quanto porem elle não apparece na estacada, para o confundirmos plenamente, admittindo que o motivo, por S. E. allegado, fosse o verdadeiro, lhe perguntaremos — Que Politica era essa que S. E. queria impôr á Administração de 19 de Setembro? — Seria a agora adoptada? Seria essa Politica, que de tão bom grado consente, que hum Nação invasora, a França, vá redusiado á possessão sua hum Provincia do Imperio, o Pará? Seria

essa Politica, a que permite, e até anima essa Nação invasora a apoderar-se de Pontos militares ao Sul do Imperio? Seria essa Politica a que dita a conviencia com os Representantes dessa Nação, e a mais decidida protecção aos seos subditos, apezar de, no remanso da paz, e sem causa alguma, ella nos aggreddir, offender a Nacionalidade, e dissolver a Integridade do Imperio? Seria essa Politica aquella, com que se procura levar o Estado á hum crise, com que se possa justificar a necessidade da renovação do Tratado de Commercio, á cuja formação S. E. pretende assistir, e de cuja conclusão pode tirar, ao menos, algum titulo, ou condecoração Franceza?

Se tal he (e que outra ser podia?) a Politica de S. E., parabens, e mil parabens damos áquelle Administração, por ter preferido antes expor-se á *tisnadora* guerra que S. E. lhe declarou, do que ter adoptado hum Politica, que fatal, e bem fatal seria ao seo inventor, entre hum Povo, cujo Patriotismo não fosse, como entre nós, dirigido pelo respeito ás Leis, e preceitos da Religião!....

Quem deixará de exasperar-se vendo a sem-ceremonia, com que S. E. á si attribue o que nós, como catholicos, só devemos attribuir á Essa Divina Providencia, que constantemente vela sobre este, o quinto imperio do Apocalipse? Com sua mão poderosa, a Providencia lançou no coração de alguns chefes dos illudidos Rio-Grandenses o arrependimento de seos crimes: de hum Bento Manoel, que fazia de Saulo, ella fez hum Paulo! e agora o Sr. R. impia-mente procura arrogar á si milagres, de que hum administrador habil, e christão se serviria, para roborar no espirito do povo a religião, que entre nós está tão combatida, por esses *Methodistas*, á que S. E. deixa impunemente a liberdade de no Brasil a atacarem?.. Oh! miseria; oh! desgraça!..

Quis talia fando

Temperet a lacrimis!..

Aqui finalisariamos nossa resposta ao artigo referido, se os *decentes* epithetos de—nogenito, e desprezível—que o Sr. R. dá ao nosso periodico, (esqueceo-lhe o de—*pigmeo*:—coitadinho!) não nos obrigassem á dizer alguma cousa sobre a *venalidade*, corrupção, e interesse, que S. E. diz 'dirigirem' nossa penna. Não he *venalidade* corrupção, ou interesse pessoal, que nos dirigem: não aspiramos a empregos; nem cravamos os olhos nas pastas, como S. E. cravava.

Perguntaremos ao Sr. R. se obra ou não por *venalidade*, corrupção, e interesse pessoal aquelle, que diante do leitor dos ministros, em alto e bom som, para grangear suas boas graças, dirige acres censuras á hum senador, ainda parente, por ter recheado o voto de graças com termos, que S. E. repelia na tribuna? Perguntaremos á S. E., se he ou não arrastado pela sordida *venalidade*, pela fetida corrupção, e pelo vil interesse pessoal aquelle, que o veto nacional colloca, como guarda, e sustentador da constituição e das leis, e vai por dois contos defender o chefe de huma repartição publica, onde o roubo mais importante, e escandaloso fôra perpetrado, e que empregara, para livrar o accusado da justa punição, essa mesma preponderancia, fôrta do lugar á que seos concidadãos o elevarão?

Perguntamos mais á S. E., se será ou não conduzido pela *venalidade*, corrupção, e interesse pessoal, aquelle ministro, que suspende huma ordem de deportação, dada por hum incorruptivel magistrado, contra estrangeiros envolvidos nos crimes de..... Basta.

Nossa honra ultrajada, pela denominação que nos foi dada por S. E., de *culumniador*, pedia hum desforço; a moderação porem dirige, por ora, nossa penna. Não deixaremos com tudo de

dizer á S. E., que em nossos ouvidos ainda retumbão os echos, que hum illustre deputado patricio de S. E. fez vibrar, no recinto da representação nacional, á respeito de S. E.!. Aquelle que já foi mergulhado no pégo infernal de negro grude, quando dirige ultrajes aos outros, procura novo banho, e quer mesmo ser ahi afogado...

He muito abusar da paciencia de hum povo! Ao tempo que delle exigem os maiores sacrificios: ao tempo que huma emissão de notas, imposto enormissimo, e incalculavel, em seos desastrosos effeitos, lhe he lançado: ao tempo que sobre elle pesava o tributo de sangue, e foi aggravado decretando-se hum espantoso recrutamento: ao tempo que todo Cidadão, que não he Deputado, Senador, ou Dezembargador, está sujeito ao activissimo e rigoroso serviço da Guarda Nacional, e ameaçado em sua segurança, pelas suspensões de garantias, em quanto que aquelles menos, e improficuos consumidores dos dinheiros publicos, de todos os onus estão isentos: ao tempo, em que a Patria dos Brasileiros he, para os Brasileiros, o Paiz que menos garantias offerece ás suas fortunas, vida, e honras: ao tempo em que a mesma nacionalidade está mortalmente ferida e moribunda pela aggressão de conquistadores Francezes, que hum governo indolente, senão mais criminoso, ainda admite em nossos portos, em nossas cidades, e em nossos campos: quando o povo assim geme, tanto soffre, e delle cada vez mais se exige: quem pensaria que esses que dos seos suores se allimentão e que por elle forão tirados do pó e da lama em que jazerião, se a credulidade e a boa fé não fossem dotes caracteristicos dos Brasileiros; quem pensaria dizemos, que nestas circunstancias esses *ingratos*, para felicitar individuos, e curar de seos interesses, mais gravarião o peso de tantos infortunios!

Se os enormissimos rendimentos pu

blicos não chegam para as despesas, o hum credito parecia indispensavel aos poderes politicos do estado, a pezar de contraria ser á esta a opinião de hum illustrado ministro da fazenda, e a opinião daquelles, que o tem de pagar; como augmentão essas despesas? como porque titulo, porque razão a sorte do povo se empebra, esparzindo ás mãos cheias os dinheiros publicos em pensões pela maior parte não merecidas? Que serviços fez, por exemplo, o Sr. Visconde de S. Leopoldo, que já recebe do thesouro publico nove mil cruzados como Senador, para se lhe dar mais oito, como conselheiro d'Estado, emprego de que elle mesmo se demittio?

Porque titulo á dois bahianos (hoje gente feliz, se pertence á ordem aristocratica!!) se manda pagar perto de cem contos, á pretexto de indemnisação de prejuizos soffridos na revolução da Bahia, quando tantas, e tantas familias Brasileiras tem perdido suas fortunas, e gemem na indigencia, na orfandade e desamparo, pela morte de pais, irmãos, e filhos, que forão victimas das revoluções, que em outros pontos do Imperio se tem manifestado, sem que suas reclamações tenham sido attendidas?

Como o corpo legislativo, que não deera ao ministro auctoridade para comprar armamentos, que não approvou essa compra, e recuzou o seo pagamento, agora se presta á autorizar o pagamento da espantosa somma de — 754 contos de reis, á Guilherme Young, que, no ministerio do Sr. Calmon, e na regencia do Senhor P. de Araujo Lima, teve a milagroza fortuna de obter a liquidação dessa quantia, como divida pela encomenda feita, pelo Sr. Joze Clemente Pereira, de hum armamento, que a Nação não recebeu, e que o mesmo Young mandou vender onde quiz, e pelo preço que quiz? Que miseria! que contradicção! Miseria, contradicção que se tornão ainda mais frisantes, quando vemos a birra com que se

recusa pagar ao Sr. Albino Gomes Guerra, o que o thesouro confessa dever-lhe! Miseria e contradicção que nos obriga acclamar — *latet anguis in herba!* —

Será Albino Gomes Guerra mais aspero, e menos tratavel do que Young, ou terá menos direito a ser pago do que se lhe deve? Em quanto á primeira parte nada diremos, pelo pouco conhecimento que temos da qualidade desse credor do estado; em quanto porem á segunda, que paralelo se pode estabelecer entre a justiça deste credor e a de Young?

Albino despendeo do seo, ou do que os seos credores lhe confiarão para sustentar a tropa Brasileira; e Young levou o armamento, que foi vender onde quiz, e com o qual os inimigos do Brasil tem feito fogo ás tropas Brasileiras; recusando-se pagar á Albino, recusa-se pagar áquelle que alimentou Brasileiros; e mandando-se pagar á Young, manda-se dar dinheiro áquelle, que forneceo armas, (e por estas mesmas armas) com que nossos inimigos matão Brasileiros!... Que miseria!... que desgraçado Brasil!...

Se attendermos aos documentos justificativos das dividas, quaes dos dois credores apresentam caracteristicos de veracidade? Julgamos que os de Albino.

Este apresenta titulos de divida reconhecida pelo thesouro, que a reconheceo depois de hum exame de longos annos, fundados em contas, que o mesmo thesouro deo por legaes, e justificadas; e aquelle? Aquelle! o bem conhecido Young conseguiu em poucos dias, que o thesoureiro reconhecesse como divida a espantosa liquidação de 754 contos, feita por trez homens (se não nos enganamos) á cuja frente estava o *camareiro* João Martins Lourenço Vianna, intimo amigo do Sr. Pedro de Araujo Lima, e do Sr. Joze Clemente Pereira!... e em que se fundou tal liquidação? N'um julgado criminozo; n'um julgado que condemna a fazenda a res-

ponder por contractos feitos, por hum ministro, a quem a lei não autorizara para fazel os; n'um julgado apposto á mesma decizão do corpo legislativo, que não approvou esse contrato: n'um julgado finalmente que se oppõe a todas as regras, e principios de direito, que exonerão o constituinte de todos os contratos, e convenções por seos procuradores feitos, sem que por fazel-os fossem por elles autorizados.

Tudo porem foi desatendido; a acção, que Young, tinha contra o ministro, foi intentada contra a fazenda; e a influencia do ex-ministro desembargador conseguiu no tribunal a que pertence izentar os seos bens do pagamento, para que elles não chegavão, mas que a fazenda publica podia satisfazer: a influencia do Deputado ex-ministro desembargador consegue do ministro Calmon reconhecimento da Espantosa divida de 754 contos, e... e finalmente esse mesmo ex-ministro, hoje Deputado, e seos collegas conseguem do corpo legislativo o pagamento de huma enorme quantia, que o mesmo corpo legislativo ja reconhecera não ser divida!...

Brasil, Brasil teos males não se curão pelos meios ordinarios!.. O abismo, a que te conduzem aquelles, que delle te devião afastar, está mui proximo, e he mui profundo!... Meia duzia de perversos, e insaciaveis mandões se julgão nascidos com direito de te dominar, despedaçar, e devorar até os proprios ossos!....

Pede-se-nos a publicação do seguinte:

Augustos, e Digninssimos Srs. Representantes da Nação.

O hospital da Marinha estabelecido na Ilha das Cobras, e creado por Decreto, era fornecido de medicamentos haviados por boticarios fornecedores, resultando dahi demora nos remedios, provenientes do embarque destes na cidade, e do seu desembarque na Ilha,

acontecendo muitas vezes quebrarem-se os vidros, e derramarem-se os remedios por occasião de máo tempo ao atracar da embarcação, que os conduzia ao cáes da Ilha, do que rezultava ficarem os doentes largas horas sem os medicamentos em quanto se procedia ao preparo de hum novo receitauario; e sendo disto informado o Exm. Ministro da Marinha Vice Almirante Tristão Pios Santos, dezejou remover este mal, melhorando aquelle estabelecimento com acertadas providencias, sendo huma dellas a creação de huma botica no mesmo hospital, não só para vedar aquelle desarranjo, e dar á Fazenda Publica o lucro, que percebião os particulares, como para habilitar aos facultativos do hospital a poderem ministrar de pronto, e á qualquer hora do dia, e da noite os convenientes remedios aos doentes, o que até então se fazia impracticavel, quando á noite occurria essa necessidade; porem este estabelecimento foi desfeito pelo ex-Ministro Joaquim José Rodrigues Torres, sem reflectir nas vantagens mencionadas, e ainda em outras muitas, que se offercem á consideração daquelles, que de boa fé queirão entrar na analyse de semelhante medida, como por exemplo o fornecimento dos navios da armada nacional pela botica do hospital, de que resultarião grandes lucros á fazenda publica, assim como nas sobras dos remedios no acto do dezarmamento das embarcações, que em vez de se perderem estes, porque os boticarios fornecedores só os aceitam como avariados, quando pelo contrario elles serião recebidos pela botica do hospital, para serem melhorados, e terem a competente applicação. Em virtude desta medida forão dezonerados dos seus empregos alguns dos empregados do mesmo hospital, e entre estes o pharmaceutico chimico Antonio José Correia, administrador e 1.º boticario da referida botica, que até ao presente não tem sido contemplado para outro algum empre-

go com que possa subsistir, e soccorrer a seis filhos que possui; por cujos motivos vem implorar a graça de se mandar regressar ao seu emprego, quando esta Augusta Camara tome em consideração a necessidade de hum tão util estabelecimento, e a utilidade que resulta á fazenda nacional, attendendo aos relevantes serviços, e ao bem que o Supplicante sempre se prestou, durante o tempo que servio, conforme mostra pelos authenticos documentos que se achão affectos á Secretaria d'Estado dos negocios da marinha; o que humil de implora e espera—R. M.—
Antonio José Correia.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor. — Ja se não pode falar verdade, ja se não pode encomiar o merito, que não se levante contra o misero escriptor assanhados homens e o que mais admira a sanha daquelles que se acata, d'aquelles cujos talentos se respeita.

Em hum dos numeros de sua folha demos ao Rio de Janeiro os *emboras* pela optima aquisição da panacea do Sr. Judice, que cura cegos aleijados & e ao mesmo tempo tributámos ao seu *abalisado* autor todos os encomios e respeitos que de força lhe eram devidos pelo seu *achado feliz*, achado que tem sem duvida arrancado do fundo dos sepulchros tantos mortos, e o qual ninguem o faria, se benigna providencia não deparasse este anjo tutellar auctor da efficaz panacea; faziamos votos pela vida de S. S., porque aguardavamos a immortalidade, que certamente nos traria ultteriores analyses e inventos do mesmo Sr. Porem qual não foi a nossa admiração, Sr. Redactor, quando, sem mais razão alguma vimos em o numero 9 da sua *ortiga* acoi-mado o nosso procedimento, e contra nós fulminado um tremendo anáthema pela mesma pessoa que foi o objecto do nosso *panegyrico*!... O Sr. Judice

he mui pouco reconhecido ás attentões de hum humilissimo admirador do seu talento, ou muito modesto, que recusa encomios, que offendem o seu melindre; porem ha ali razão bastante que justifique as iras do *celebre medico* contra nós, pobre nullidade? Mereci-amos nos, por termos mostrado ao publico o *quilate da joya*, que elle possuia sem quiçá o saber; mereciamos os meus tratos do Sr. Judice por este serviço? Cremos que não; ignoramos pois qual a causa que aculou este Sr. a declarar nos tão cruenta guerra; quando, a nosso ver devia nos *ficar obrigado*! Parece desprezar o nosso fraco apoio; attribue-nos o intento de depreciar o seu invento com o qual vae gualdripan-do os cobres aos papalvos, que nas garras lhe cahem; mimosea-nos com o titulo de *milhafre*, manda-nos que *reponhamos o que bem sabemos*, e assim *promette descobrir mais franco a nossa officina e talvez o nosso nome*!

Roto está, Sr. da panacea, o nosso pacto; não quiz V. S. de bom grado aceitar as offeras, que lhe fizemos, isto he, de engrandecer e elogiar o seu universal remedio, temendo talvez que lhe pedissemos salario desse pequeno serviço, que lhe tributavamos, quiz para si o privilegio exclusivo de *milhafrear* o povo rude, e para isso nos chama á contas, e promette-nos declarar-nos ao publico tal qual somos: aceitamos a luva, e de hoje á vante conte certo que lhe seguiremos as pegadas desde o *botequim da praia do peixe até á rua de S. Antonio*. Oh quantos enfermos se nos apresentarão de *escroto atravessado pelo ferro encandecido*! Quantos.... porem basta, nada mais diremos em quanto nos não declarar qual o objecto ou quantia, que nos cumpre repor, e qual a nossa officina. Si o não fizer desde ja o mimoseamos com os epithetos de *calumniador vil*, despejado e ignorante charlatão, que ja de ha muito devia ter pago tão criminosa ousadia, si as authoridades do

Brasil, mais vigilantes attendessem como lhes cumpro os clamores do povo que tem sido preza do caviloso, e do estapido charlatanismo. Esperamos, Sr. Juiz, a sua resposta, e então entraremos em lide. ***

VARIEDADE.

A VAIDADE DOS HOMENS!

Nascem os homens iguaes; hum mesmo, e igual principio os anima, os conserva, e tambem os debilita, e acaba. Somos organizados pela mesma fôrma, e por isso estamos sujeitos ás mesmas paixões, e ás mesmas vaidades. Para todos nasce o sol; a aurora a todos desperta para o trabalho; o silencio da noite, annuncia á todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre, e se distribue em annos, mezes, e horas, para todos se compõe do mesmo numero de instantes. Essa transparente região á todos abraça; todos achão nos elementos hum patrimonio commum, livre, e indefectivel; todos respirão o ar; a todos sustenta a terra; as qualidades da agua, e do fogo, á todos se communicão. O mundo não foi feito mais em beneficio de huns, que de outros; para todos he o mesmo; e para o uso delle todos tem igual direito; ou seja pela ordem da natureza, ou seja pela ordem de sua mesma instituição, todos achamos no mundo as mesmas partes essenciaes. Que cousa he a vida para todos mais do que hum enleio de vaidades, e hum giro successivo entre o gosto, a dor, a alegria, a tristeza, a aversão, e o amor? Ainda ninguém nasceo com a propriedade de insensivel; a vida não pôde subsistir, sem estar subordinada ás impressões do gosto, e do sentimento. Todos nascemos para chorar, e pararir; a circumstancia de chorar, mais, ou menos, resulta de cada hum de nós. A violencia, e a vaidade das nossas paixões nos faz appetecer; e quem appetee,

ja se expõe aos delirios do riso e ás amarguras das lagrimas; esse mesmo appetecer, ainda só por si, he huma especie do sentimento, e de prazer; a imaginação nos anticipa tudo, por isso o nosso contentamento, ou a nossa pena, chegão primeiro do que o seu objecto; e este quando vem, ja nós estamos, ou abatidos de tristeza, ou cheios de alegria: somos tão sensiveis, que os successos para nos moverem, não he necessario que estejam em nós; basta que os vejamos de longe; a nossa sensibilidado tem maior força na nossa mesma apprehensão; daqui vem que no mal, que se espera ou se receia, não pode haver alivio, porque o pensamento lhe dá huma extensão maior; em lugar, que o mal que ja se sente, pôde consolar-se, porque então se vê que tem limite. As cousas parece que se espiritualizão para se entregarem á nós assim que as imaginamos; ou a menos para que a eficacia delles se incorpore em nós, muito antes que ellas cheguem; e deste modo as cousas antes que as tenhamos, ja são nossas; e quando a causa se apresenta, ja temos sentido os seus effeitos; por isso desconhecemos tudo o que vimos alcançar, e nos parece que ha falta n'aquelle que vimos a conseguir: as cousas, quando chegão, ja nos achão saciados; porque o desejo he huma especie de gozar mais activa, e mais duravel, mais forte, e mais continua; daqui procede o ser tão delectavel a esperança, porque he huma especie de possessão daquillo que se espera. Quem imagina o que deseja, tudo pinta com cores linsonjeras, e mais vivas; por isso a verdade he grosseira, e mal polida, tudo o que descobre, he sem adorno; antes faz desvanecer aquella apparencia feliz, com que os objectos primeiro se deixão ver na idéa, do que se mostrem na realidade. Todas estas propensões, e inclinações se encontrão em cada hum de nós; e assim devia ser, porque as variações do tempo, da idade, da fortuna, e dos

sucessos, a todo comprehende, e a todos iguala; só a vaidade a todos distingue, e em todos põe hum signal de differença, e hum caracter de desigualdade, e por mais que a terra fosse feita para todos, nem por isso a vaidade crê, que hum homem seja o mesmo que outro homem. He subtil a vaidade em discorrer; por isso nos inspira, que ha desigualdade no que he igual; que ha differença no que he o mesmo; e que ha diversidade donde a não pode haver: mas que importa que a vaidade assim discorra, se sempre he certo, que os homens todos são huns, e que os não ha de differente fabrica; e que tudo quanto a vaidade ajunta ao homem, he emprestado, fingido, supposto, e exterior. Tirada a insignia, o que fica, he hum homem simples; despida a toga consular, tambem fica o mesmo. Se tirarmos do Capitão a lança e o casco de ferro, e o peito de aço, não havemos de achar mais do que hum homem inutil, e som defeza, e por isso timido e cobarde. Os homens mudão-se todas as vezes que se vestem; como se o habito infundisse huma nova natureza: verdadeiramente não he o homem o que muda, muda-se o effeito que faz em nós a indicação do habito. De baixo de hum apresto militar, concebemos hum guerreiro valeroso; de baixo de huma vestidura negra, e talar, o que se nos figura, he hum jurisconsulto rigido, e inflexivel: de baixo de hum semblante descarnado, e macilento, o que descobrimos, he hum austero Anachoreta. O homem não vem ao mundo mostrar o que he, mas o que parece; não vem feito, vem fazer-se; finalmente não vem ser homem, vem ser hum homem graduado, illustrado, inspirado; de sorte que os attributos, com que a vaidade veste ao homem, são substituidos no lugar do mesmo homem; e este fica sendo como hum accidente superficial, e estranho: a mascara, que encobre, fica identificada, e consubstancial á cousa

encurberta; o véo que esconde, fica unido intimamente á cousa escondida; e assim não olhamos para o homem; olhamos para aquillo que o cobre, e que o cinge; a guarnição he a que faz o homem, e á este homem de fóra he a quem se dirigem os respetos, e atenções; ao de dentro, não; este despreza-se como huma cousa commúa, vulgar, e uniforme em todos. A vaidade, e a fortuna são as que governão a farça desta vida; cada hum se põe no theatro com a pompa, com que a fortuna, e a vaidade o põe; ninguém escolhe o papel; cada hum reccebe o que lhe dão. Aquelle que sahe sem fausto, sem cortejo, e que logo no rosto indica, que he sujeito á dor, á afflicção, e á miseria, esse he o que representa o papel de homem. A morte que está de sentinella, em huma mão tem o relógio do tempo, na outra tem a fouce fatal, e com esta de hum golpe certo, e inevitavel, dá fim á tragedia, corre a cortina, e desaparece: a fortuna, e a vaidade, que vêem desbaratada a scena, cahidas por terra as apparencias, prostados os atores, emudecido o coro, trocados os clarins em flautas tristes, os hymnos em trenos, os canticos em elegias, e em epitafios os emblemas; as rosas encarnadas convertidas em lirios roxos, os girasões em desmaiadas assucenas, entrelaçados os louros no cipreste, os cajados confundidos com os ceptros, e com burel a purpura; a vaidade pois, e a fortuna, que em menos de hum instante virão desvanecidos os triunfos da vida pelos triunfos da morte, precipitadamente fogem, e deixão hum lugar cheio de horror, e sombras, e donde só reina o luto, a verdade, e o desengano. Assim acaba o homem, assim acabão as suas glorias, e só assim acaba a sua vaidade.

[Reflexões sobre a vaidade dos homens].